

NÃO HAVIA ÁGUA NEM LUZ, ARQUITETO NEM MÉDICO, ASFALTO NEM ESCOLA, MAS HAVIA BELEZA E SOLIDARIEDADE EM MEIO A IMENSAS CONTRADIÇÕES ENTRE BRASILEIROS

Euler Sandeville Jr.

SANDEVILLE JUNIOR, Euler. Não havia água nem luz, arquiteto nem médico, asfalto nem escola, mas havia beleza e solidariedade em meio a imensas contradições entre brasileiros. Prefácio. In MACHADO, Cecilia Maria de Moraes. Paisagens Reveladas no Cotidiano da periferia. Distrito de Brasilândia, Zona Norte do Município de São Paulo. São Paulo: Editora Giostri, 2014 ISBN 978858108225-7

"Às vezes imagino que na entrada das universidades há um monumento aos alunos sem nome¹ dos ciclos básicos. Seguramente acompanhado do monumento aos professores sem nome. Estas são pessoas muito importantes, às quais não se dá importância alguma, senão quase que só numérica, no país. Esse monumento tem muita razão de ser, e é invisível, como os humanos aos quais é dedicado. É construído com ideias e afetos, com ações e experimentações. Tem uma espacialidade que se estende como uma respiração através de todos os meandros da instituição, reanimando as pessoas que estão sedentas de ar puro. Não com matéria, nem certificados, nem com registros. É criado animado por um espírito livre, como um sopro quase imperceptível, como passa imperceptível a multidão à qual se refere (dezenas de milhões!). Este monumento sem nome, deve nos lembrar uma espiral em busca da sua verdade com e diante dos outros, solidária: aprendizado"².

Cecilia Machado foi minha aluna na Braz Cubas em 1999. Embora este não seja o momento que define nossa caminhada juntos, é bom lembrar. Naquele ano procurávamos estabelecer um diálogo maior entre a escola e o real. Convidamos moradores de um conjunto habitacional a apresentarem suas questões em aula na Braz Cubas e fomos desenvolver trabalhos de campo nesse conjunto, com objetivo de projetar e realizar uma praça. Escolhemos juntos um estudo preliminar e passamos a desenvolvê-lo coletivamente na classe, depois fizemos o executivo e os alunos foram obter nas lojas a doação dos materiais necessários à execução. E lá fomos nós, enxada na mão, realizar a praça. Como experiência acadêmica foi certamente um trabalho importante, com as contrariedades também importantes que teve.

Por volta de 1999 a Universidade Braz Cubas tinha, depois da FAUUSP, uma das áreas de arquitetura da paisagem, recorrentemente identificada como paisagismo, mais

1 *Ciudad sin Nombre*, de Torres Garcia (1941), inspira-me a ideia do monumento.

2 SANDEVILLE JR., Euler. Paisagens Partilhadas. São Paulo, FAU USP, Livre Docência, 2011.

estruturadas dentre as escolas paulistas, embora sem a perspectiva nem a possibilidade da pesquisa, que na verdade desenvolvíamos na pós-graduação da FAU USP. Vários de seus professores de fato foram orientados no mestrado e ou doutorado pela professora Miranda Magnoli: Emmanuel dos Santos, Eugênio Queiroga, Ana Maria Coelho, Sun Alex e eu, ou por ex-orientandos que ela havia formado, e alguns vieram depois a se tornar professores da mesma FAU USP, como no meu caso e de Eugênio. A professora Miranda foi responsável no Brasil por estabelecer a partir dos anos 1970 o primeiro programa de pesquisa sistemático, e o primeiro grupo de trabalho, na área Paisagem e Ambiente, como hoje é reconhecida. Pioneiro a tal ponto, que não tenho notícia de similar nem mesmo na América do Sul. O número 21 (2006) da revista Paisagem e Ambiente é dedicado ao seu trabalho. O trabalho de uma mulher fecundou todo um novo olhar e conhecimento sobre a paisagem, quando a temática mesmo em áreas vizinhas tradicionalmente estruturadas em torno da pesquisa ainda começava apenas a ser renovada.

Cecília me procurou alguns anos depois, eu já professor na FAU USP desde 2001, e orientando no mestrado desde 2002, na área criada pela professora Miranda. Somos, como se percebe, devedores, direta ou indiretamente dela, neste trabalho. Também somos devedores do trabalho de homens e mulheres anônimos que constroem uma cidade, onde nosso trabalho é possível. E a constroem duas vezes, com seu trabalho nos mais diversos postos, e ao construírem muitas vezes com as próprias mãos, e dos amigos e familiares, sua habitação, ao estabelecerem as lutas nesse processo pelo posto de saúde, pela escola pública para seus filhos, pelo transporte básico. Esta publicação do trabalho de Cecilia é um olhar para essas pessoas, suas vidas, suas lutas, e as estruturas que transformam e criam para a sobrevivência, a vivência, o afeto e o trabalho.

Quando me procurou pensando em desenvolver um mestrado, Cecilia já havia tido um percurso inicial bastante interessante, trabalhando em áreas de fragilidade ambiental e social, voltada para a solução de questões de moradia e expressava nitidamente o campo de suas escolhas, do que esperaria como arquiteta. Justamente na Brasilândia, onde alguns anos antes eu havia começado alguns estudos, e então inserida no principal arco de interesse do recém-criado Núcleo de Estudos da Paisagem, definido entre o Jaraguá, o Juqueri e a Cantareira. Nesses trabalhos dos quais Cecilia participou, entretanto, observou que as etapas de levantamento, muitas vezes interdisciplinares e consultivas com a população, passavam através de um abismo a uma solução técnica desvinculada dos anseios e do diálogo com a mesma população à qual diziam atender. Cecília, por outro lado, trazia inscrita em seu corpo e sua infância a identidade da periferia, aguçando-lhe o olhar para essas contradições. Tínhamos a matéria-prima para iniciar uma parceria de quase uma década no mestrado e doutorado, e cujos frutos ultrapassaram a pesquisa, engendrando importantes ações que ainda hoje reverberam na luta por direitos pelas populações sujeitas à situações de exclusão e risco social, e na atividade docente de Cecília. Aprendemos muito.

Infelizmente, temos observado esse distanciamento - que não é apenas técnico, mas político-partidário e de grandes interesses e grupos econômicos a eles relacionados - em uma quantidade tão grande de projetos, que não são poucos os casos que o produto final ainda é forçado sobre parcelas da população procurando anular sua resistência, em casos nos quais nada impediria que outras soluções fossem intentadas. Ao fazer isso,

importam modelos que eventualmente trazem inscritos preconceitos arraigados nessa distância. E essa distância começa nos anos de formação.

No início deste século eu vinha de uma série de viagens pelo país em busca de suas paisagens, onde encontrei seus sentidos em suas gentes, como costumava dizer, e das quais a decisiva foi o transepto em 2002 pelo Jequitinhonha³. Havia decidido organizar um grupo de pesquisa – possibilidade aberta por meu credenciamento como orientador de pós-graduação – retomando os pontos que havia estruturado em meu primeiro projeto de mestrado em 1986, que reconhecia na observação participante e na poética uma chave necessária ao estudo da paisagem, e após a viagem pelo Jequitinhonha não tinha mais dúvidas sobre o caminho a seguir.

A USP é o lugar de maiores possibilidades de realização em que já trabalhei. Julguei que era, ao constituir um grupo de pesquisa, necessário recusar as relações fortemente verticais e de competição, procurando aquelas que vão de encontro às necessidades do ambiente em que nos inserimos e do país em que vivemos, estabelecendo relações mais horizontais e solidárias, colaborativas. Inicialmente, criei um projeto que chamei de Espiral da Sensibilidade e do Conhecimento (2002). Embora não tenha saído como queria, estabeleceu uma base de princípios sobre a qual criei em 2003 um Núcleo de Estudos da Paisagem – NEP (que em 2005 deu origem ao LabEspaço, atualmente denominado LabCidade). Além da proposição da Espiral (<http://espiral.net.br>, que a partir de 2014 deverá estar localizada em <http://espiral.fau.usp.br>), o Núcleo se fundava na problematização das Paisagens como Experiência Partilhadas⁴.

Mas o que são paisagens como experiências partilhadas?

Bem, a primeira coisa a se destacar é que a ideia convida ao reconhecimento de uma dimensão da subjetividade (ou intersubjetividade) e da poética como prefiro dizer, ao mobilizar uma dimensão da experiência pessoal e interpessoal, na qual são fundamentais os afetos (ou desafetos) que se estabelecem entre os viventes em uma paisagem. De modo que a paisagem, sempre imaginada à distância, é de fato uma realidade existencial plena de possibilidades tanto quanto o é de fortes contradições, latências em gestação, memórias e trabalho dos tempos que foram. E, em decorrência, não apenas se desvendam, mas se restabelecem no processo de pesquisa, no encontro dessas paisagens com aquelas de um pesquisador que passa a dialogar com esses outros viventes. Encontro que promove, e deve ser reconhecido que o faz, uma troca de experiências na qual se constrói o conhecimento. Mas há também uma dimensão essencial à ideia de paisagem que é transgeracional, histórica e social, a par dos longos processos naturais, sem ambos os quais, da mesma forma que sem a experiência partilhada na existência e suas poéticas e conflitos, as paisagens não se significam, nem traduzem os amplos sentidos, sonhos e possibilidades que abrigam.

Não é o caso de desenvolver neste prefácio esta postura que inclui um conhecimento que

3 SANDEVILLE JUNIOR, Euler. Paisagens partilhadas. São Paulo: Paisagem e Ambiente, 30 (2012), p. 205-214

4 SANDEVILLE JR., Euler. Paisagem. São Paulo: Paisagem e Ambiente n. 20, 2005, pg. 47-59.
SANDEVILLE JUNIOR, Euler. Paisagens e métodos. Algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana. Paisagens em Debate, FAU.USP, v. 2, p. 1, 2004.

não quer desprezar as heranças, os afetos, a ética e a estética em sua construção. Aprender isso na prática é um longo desafio. Pois bem, mas como o leitor poderá entender melhor o que são paisagens como experiências partilhadas? Este trabalho irá levá-lo nessa jornada ao desvelar os brasileiros e os brasis nas *brasilândias*⁵, paisagens em intenso dinamismo, alargando com imensas dificuldades e contradições, mas com forte poesia e esperança, o sentido de uma das maiores cidades nesta sofrida e sedutora bola azul e branca na qual navegamos, sem muita sabedoria, nossa existência contemporânea.

O percurso de Cecilia é absolutamente exemplar, e um privilégio para mim poder ter acompanhado seu desenvolvimento, não só nas ansiedades e dificuldades iniciais do mestrado, mas em todo um percurso inquieto e dedicado que culmina em seu doutorado ainda por publicar. Ingressou no NEP em 2003 e no Mestrado em 2004, defendeu o mestrado com distinção em 2007 e iniciou o doutorado em 2008, defendendo-o igualmente com distinção em 2012. Seu trabalho não terminou aí, e foi decisivo, com o de outros pesquisadores, para a criação em 2012 do Observatório de Remoções (<http://observatorioderemocoes.blogspot.com.br/>) pelos pesquisadores do NEP e do Núcleo de Direito à Cidade – ambos do LabCidade sob minha coordenação e da professora Raquel Rolnik respectivamente, conjuntamente com pesquisadores do LabHabi.

Não só isso. Sua contribuição para o NEP, do que esta publicação é uma viva expressão, foi essencial. Nessa caminhada não podemos esquecer os demais pesquisadores do NEP, pois enfrentaram cada um deles, um aspecto de um trabalho coletivo sobre aquela plataforma inicial. Foram trabalhos, os primeiros também iniciados em 2003 (com duas exceções que são anteriores) e novos pesquisadores agregando-se desde então, na busca de construir conhecimentos acadêmicos no diálogo com outros saberes em comunidades periféricas, em locais sob impacto do turismo ou segunda residência desarticulando experiências de gerações, em comunidades rurais e quilombolas, com pessoas que não enxergam, em diversas situações de alteridade que nos permitiram aprender e testar juntos um conjunto de conhecimentos na relação com o outro, cujo aprendizado nunca termina.

Na maior parte dos momentos esse grupo tem trabalhado junto, em leituras e discussões, apresentações de trabalhos e compartilhando dificuldades de campo, orientações coletivas a par das individuais, enfrentando colaborativamente uma construção que reuniu no NEP pesquisadores com afinidades comuns, personalidades, percursos e áreas de formação entretanto muito distintos; enfim, a construção e um espaço colaborativo de aprendizagem.

Olhar a uma distância ainda próxima, me faz pensar no privilégio e na responsabilidade

5 MACHADO, Cecilia Maria de Moraes, SANDEVILLE JUNIOR, Euler. Uma experiência de estudo colaborativo de paisagens na Brasilândia, São Paulo. São Paulo: Paisagem e Ambiente, 30 (2012), p. 29-44. SANDEVILLE JUNIOR, Euler, MACHADO, Cecilia Maria de Moraes. Remoções na Serra da Cantareira. Revista Caros Amigos. Disponível em <http://carosamigos.terra.com.br/index/index.php/artigos-e-debates/1842-remocoes-na-serra-da-cantareira> acesso em 04/08/2011. SANDEVILLE JUNIOR, Euler; MACHADO, Cecilia Maria de Moraes. Paisagem e lazer: representações da metrópole (para os brasileiros de Brasilândia). OLAM (Rio Claro), Rio Claro, v. 5, p. 01-12, 2005.

da docência, desafio que agora também é o de Cecília. A docência, a construção de conhecimentos, não pode ser vista dissociada do mundo, mas como uma experiência de mundo, uma construção de saberes em diálogos com outros, como Paulo Freire destaca em seus livros absolutamente essenciais. Sobretudo não pode ser vista como um fechamento que prorroga a infância e a irresponsabilidade de assumir uma posição no mundo, remetendo o presente da educação sempre a um depois. Depois no qual “a teoria na prática é outra”, querem nos fazer crer nisso, segmentando o ambiente de formação do ambiente de prática no mundo.

É muito artificial esse desencontro, esse remeter o saber empírico para um depois fragmentado, e isolar em um ilusório castelo de cristal o saber científico, condenando a interface entre esses dois mundos, que na verdade não são dois, embora postos a uma distância hierárquica. Na melhor das hipóteses, quando se chega na formação universitária, esse modelo concebe uma interface frágil na ideia de transmissão – e não construção conjunta de conhecimentos - na chamada extensão. Uma pirâmide, uma hierarquia, que se assenta na competição e na excelência (que acaba assim voltada para a satisfação de si mesmo), ao invés da solidariedade e do diálogo. Creio firmemente que nossa responsabilidade é ampliar a esperança, não sobre uma ilusão nem sobre uma idealização do que somos, mas sendo éticos e sensíveis no moldar de nossas práticas.

Este trabalho, que tenho a alegria de prefaciar, é então fruto de um caminhar junto de Cecília, no decorrer de uma década ou mais, com uma população tantas vezes negada na nossa cidade. É importante dizer que o livro que o leitor e a leitora têm em mãos é o começo desse percurso, referentes ao mestrado desenvolvido entre 2004 e 2007. Certamente foi um espaço de descoberta e experimentação, em que a aprendizagem não se reduz ao saber científico e acadêmico, mas se dá no aprendizado existencial diante de outras poéticas. Cecília optou por não atualizar os dados com novos estudos desenvolvidos no doutorado, pois formam o retrato (interpretado), de um determinado momento daquela paisagem e da pesquisadora, e também do Núcleo de pesquisa. O trabalho dá conta, portanto, dos acontecimentos nessa região que abrangem um longo e muito diverso período histórico, ainda que bem recente.

A data de 2007 o coloca sem dúvida como presente. O que justifica essa observação foram os violentos e arbitrários processos que ocorreram nos anos seguintes. Refiro-me à remoção de parcelas mais pobres dessa população, nas fronteiras com a floresta, motivadas pelas obras do Rodoanel, atualmente (2013) ainda em curso. Daí decorrem graves impactos sociais, alterando muitas das dinâmicas estudadas no mestrado em função da interveniência desses processos nada participativos de produção do espaço metropolitano. Cabe ainda observar que esse trabalho de mestrado fundou a base de uma rede de relações que viriam no doutorado (2008-2012) a ser aprofundadas, ampliadas e vistas em outros contextos, como rapidamente indicado aqui, e que se tornaram fundamentais para uma série de trabalhos e ações em anos posteriores na região. No doutorado por exemplo, tanto a paisagem vai trazer outras questões, como também a pesquisadora estaria em busca de novos desafios de conhecimento, e de como relacionar ética e academicamente o conhecimento que produzimos na universidade com o destino dos nossos parceiros e interlocutores quando submetidos a graves arbitrariedades na produção do espaço habitado.

Uma última palavra. Sem dúvida, a tecitura desse trabalho é devedora da admiração da coragem, da resistência, da criatividade, da ética de um povo. Pessoas testemunhas de uma bárbara desigualdade, excluídas do acesso a tantas qualidades, inclusive vitais, para as quais seu trabalho entretanto é fundamental. Constroem duas vezes uma cidade. Com o seu trabalho em escolas, construtoras, administradoras, hospitais etc. e quando, ao construírem seus lares e lugares, o fizeram sem poder contar com os médicos, engenheiros, arquitetos, geógrafos, que muitas vezes em sua formação os estudam.

Não esqueçamos disso: não havia água nem luz, arquiteto nem médico, asfalto nem escola, mas havia beleza e solidariedade em meio a imensas contradições entre brasileiros. Falamos aqui de pessoas que construíram uma das cidades mais ricas e complexas do planeta, que abriga apenas no município paulistano 11 milhões de pessoas, das quais cerca de 70% em condições bastante precarizadas do ponto de vista da infraestrutura e dos serviços públicos. É necessário olhar para o lado e ver a riqueza humana que reside escondida, a potencialidade para o melhor e o pior, que através de nossas escolhas definem nosso destino comum. E sabermos nos posicionar por um futuro mais solidário, ético, criativo.

Kropotkin⁶, há um século e meio atrás já nos alertava para a distorção desse fosso:

“Até o pensamento, até a invenção, são realizações coletivas, produtos do passado e do presente. Milhares de inventores prepararam a invenção de cada uma dessas máquinas, nas quais admira o homem seu gênio. Milhares de escritores, poetas e sábios têm trabalhado para elaborar o saber, extinguir o erro e criar essa atmosfera de pensamento científico, sem a qual não havia podido aparecer nenhuma das maravilhas de nosso século. Porém esses milhares de filósofos, poetas, sábios e inventores, não foram também inspirados pelo trabalho dos séculos anteriores? Não foram durante sua vida alimentados e sustentados assim no físico como no moral por legiões de trabalhadores e artesãos de todas as classes? Não adquiriram sua força impulsiva no que lhes rodeava?”

6 KROPOTKIN, Pedro. *La conquista del plan*. Trad. Léon-Ignacio. EBooksBrasil, 2006.